

Mais Impostos ... Menos Benefícios

Está em curso o tempo de nos desnudarmos perante o Fisco mostrando-lhes, peça a peça, quantos rendimentos nos foram cobrindo necessidades e anseios ao longo do ano que passou.

Strip-tease completo, assim é pretendido, como se na realidade não tivéssemos chegado ao fim do ano já em desnude quase total.

Pagamentos, recebimentos, movimentações (de capitais ou de mercadorias, até de pessoas), facturas, recibos, tudo conflui, boa parte em tempo real, tudo desagua nos computadores das Finanças.

Não se admire, pois, cara e caro leitor, se a sua declaração fiscal já se encontrar em boa parte pré-preenchida quando a for preencher.

Esse conhecimento maciço, ainda que mais sobre as “massas” do que sobre as “elites”, é fruto de continuados investimentos na máquina fiscal, tornando-a bem mais eficiente agora do que no passado.

Daqui resulta que se cobra cada vez mais e melhor, pesem embora os ainda demasiados abusos e atropelos aos direitos dos cidadãos, tantas vezes confrontados com cobranças indevidas, ou mesmo abusivas, sem a desejada correcção oficiosa que evitasse transtornos e despesas.

Um tal acréscimo de eficiência, aliado ao alto, demasiado alto nível de impostos, levou a que em 2014 se batesse mais um recorde na receita fiscal, que se cifrou em cerca de 37 mil milhões de Euros, dos quais 13 mil milhões por IRS (4,4% mais do que em 2013) e 14 mil milhões por IVA (mais 4,3%).

E tudo apesar dos travões do Tribunal Constitucional.

Bem vistas as contas, no mínimo já se poderia e deveria ter suprimido, ou ao menos diminuído, a sobretaxa de IRS de 3,5%.

Talvez agora e mais vale tarde que nunca, se aproveite o “mea culpa“ de Jean-Claude Juncker e se comece a atentar mais nas questões da dignidade da pessoa humana.

Aumentadas, como se viu, as receitas por via dos impostos e porque estes visam permitir obter fundos para pagar o que se gasta colectivamente com os cidadãos, nas mais variadas áreas em que a sociedade se move, seria de esperar que aumentassem, na proporção, os benefícios colectivos, ainda que de incidência individual.

Pois, mas é melhor esperar sentados, que a espera será longa.

Aliás, sentados é como melhor sabemos esperar! Não nos levantamos para protestar, é certo, mas também não vamos abaixo das “canetas” com tanto imposto e tanto corte nos benefícios, como paulatinamente (ou não), vai ocorrendo na Saúde e no Serviço Nacional de Saúde, na Educação, na Investigação, na Cultura, na Segurança Social e prestações de reforma ou desemprego.

Ah! e é claro, na Justiça, paradigma do estado de “Citius” em que isto está. Com tanto especialista em cortes por aí, porque não aproveitar tanta competência superiormente instalada, pois há que explorar o que de melhor temos, começando a cortar p. ex. no aumento do desemprego, especialmente dos jovens, na baixa do investimento, sobretudo nos bens e equipamentos produtivos e reprodutivos, na privatização de bens públicos importantes e/ou essenciais, nos negócios ruinosos nas já famosas arbitragens obrigatórias, ou PPP`s, na corrupção destravada ...

Teríamos, por assim dizer, os **Cortes Maus** e os **Cortes Bons** (que original, não é ?!), podendo finalmente, então, também cortarmos um tanto no misto de desespero e conformismo colectivos que nos assolam, na sensação de desequilíbrio e tontura que **Certos Passos** nos provocam.